



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

A PREGAÇÃO NA IDADE HUMANA: HORIZONTES HOMILÉTICOS PARA A IGREJA DO FUTURO

Preaching in the Human Age: Homiletic horizons for the church of the future

Luiz Carlos Ramos¹

Resumo:

Considerando que a pregação convencional tem seu foco no conteúdo/significado e a pregação midiática, na forma/significante, propomos uma pregação da Idade Humana que ponha seu foco nos intersujeitos comunicantes. Propomos uma homilética que privilegie o humano, ou melhor, as relações divino-humanas. Trata-se de uma nova epistemologia que contrasta com o modelo aqui chamado de medieval, ainda em voga, cuja ênfase recai sobre a reduplicação de conteúdos dogmáticos; e o modelo midiático, que reforça o ajustamento aos sistemas hegemônicos de dominação da sociedade de consumo e economia de mercado espetacularizadas.

Palavras-chave:

Homilética. Idade Média. Idade Mídia. Sociedade do Espetáculo. Comunicação.

Abstract:

Over against conventional preaching, that focuses on the content/signification, and mediatic preaching, that centers on the form/signifier, the article proposes a preaching in the Human Age focused on the communicating inter-subjects. It discusses a homiletics that emphasizes the human, or rather the divine-human relationships. This is a new epistemology that contrasts with the model here called medieval, which is still in vogue and stresses the repetition of dogmatic contents, and with the mediatic model, which reinforces adaptation to the hegemonic systems of domination in the spectacularized consumer society and market economy.

Keywords:

Homiletics. Middle Ages. Media Age. Spectacle Society. Communication.

¹ Luiz Carlos Ramos possui graduação em Bacharelado em Teologia - Seminário Presbiteriano do Sul (1983) e pela Universidade Metodista de São Paulo (2007), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1996) e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2005). Atualmente é docente dos cursos de Bacharel em Teologia (presencial, a distância e por extensão) da Universidade Metodista de São Paulo. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Práxis e Sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: Liturgia, Homilética, Comunicação e Metodologia Científica de Pesquisa. Contato: luiz.carlos.ramos@terra.com.br

Introdução: tríplice horizonte

Quando a coordenação da REDLAH concebeu este simpósio, pensou numa abordagem interdisciplinar que favorecesse o florescimento de uma Teologia da Proclamação relevante para o contexto latino-americano. A Homilética tem, para nós, um horizonte mais abrangente do que o treinamento e a prática de pregação. A rigor, nós da REDLAH, concebemos a tarefa homilética como resultante direto do labor conjunto resultante das três grandes áreas teológicas: Teologia Bíblica, Teologia Histórico-Sistemática e Teologia da Práxis. Conquanto na academia se discutam atualmente eventuais alterações e “modernizações” nessa maneira de conceber a Teologia, essa estrutura tríplice denota alguma consistência e tem se constituído na espinha dorsal do fazer teológico desde os século XVIII, com a sistematização de SCHLEIERMACHER (vd. 2000). As disciplinas ligadas à Teologia Bíblica nos oferecem as ferramentas para a investigação das fontes da nossa fé; as disciplinas relacionadas à Teologia Histórico-Sistemática nos possibilitam a problematizar e analisar as perguntas e as respostas da fé ao longo da história; e as disciplinas que estão a serviço da Teologia da Práxis oferecem as condições objetivas para a concretização da utopia da fé.

Costumo sintetizar o labor da Teologia da Proclamação, convergindo todo o espectro teológico, nos conceitos: memória, presença e esperança. Cada um desses conceitos está atrelado a uma ideia específica de tempo. O tempo da memória é o *kronos*, que é o tempo do relógio, linear. Pelo exercício da memória, o passado nos serve de ponto de referência e nos permite julgar se estamos avançando ou nos desviando das fontes da fé. Por sua vez, o tempo da presença é o *kairos*, o tempo que se vive *hic et nunc*, aqui e agora é o tempo da graça, da teofania/epifania, do irrompimento de Deus na História. Pelo *Kairos*, o *kronos* se torna relevante e atual, se presentifica. Se o tempo da memória é o *kronos*, o da presença, o *kairos*, o tempo da esperança é o *eon* ou *aion*. Este último é o tempo da utopia. Ele diz respeito às questões últimas e definitivas e aponta para a consumação da fé. Em suma, a tarefa homilética consiste em presentificar, à luz da memória das fontes da fé, a experiência de Deus na nossa História, hoje, e nos desafiar a dar passos concretos rumo à consumação da fé na esperança da plenitude do Reinado de Deus.

As considerações feitas até aqui sobre a interdisciplinaridade da tarefa homilética, bem como sobre sua abrangência temporal, servem como pressupostos para o que este simpósio nos propõe fazer nesta tarde, a saber, perscrutar os horizontes da homilética para a igreja do futuro.

Assim sendo, penso que temos diante de nós três horizontes mais ou menos definidos. Chamarei ao primeiro de Horizonte da Idade Média, ao segundo de Horizonte da Idade Mídia, e um terceiro, o Horizonte da Idade Humana. Em certa medida, cada um desses horizontes se alia a uma das concepções de tempo caracterizadas acima.

Não deverei me ocupar demasiado dos dois primeiros, pois já têm sido objeto de discussão neste simpósio e em várias outras instâncias acadêmicas e eclesiais. Não obstante, para delinear os com mais precisão o terceiro horizonte, que nos interessa em particular e se constitui no novo que a REDLAH se propõe promover, teremos que fazer referência, ainda que de forma caricata, pelo menos, aos horizontes da Idade Mídia e da Idade Média.

O horizonte homilético da Idade Média

O horizonte homilético que chamamos de *medieval* ainda sobrevive em grande parte da cristandade mesmo muito depois do fim da Idade Média. Representa um tipo de pregação que se

tornou clássica, tanto no âmbito da reforma protestante quanto no da contrarreforma católico-romana, e se caracteriza pela preocupação minuciosa com o conteúdo dogmático, doutrinário e catequético. A pregação aqui representada pretende reproduzir, reduplicar um determinado corpo de conhecimento religioso veiculado principalmente pela via oral-verbal e literária.

Na tradição protestante, o sermão assumiu um tom professoral, com preocupação que hoje chamaríamos de conteudista e racionalista. Essa preocupação com o conteúdo essencial da mensagem do Evangelho teve seu mérito. Como enfatizou Paul TILLICH (1977), a identidade protestante está condicionada à sua fidelidade ao princípio fundamental da salvação pela graça mediante a fé. Esse núcleo teológico é tão importante que, no século XVI, foi o pivô de um dos maiores embates da história do cristianismo. Deveremos voltar a este ponto mais adiante.

O horizonte homilético da Idade Média

Em contraponto à preocupação excessiva com o conteúdo, característica da homilética da Idade Média, a tônica do horizonte midiático é o continente, i.e, a embalagem ou a forma da mensagem. Chama a atenção, nesse modelo que hoje está em franca expansão, o deslumbramento tecnológico. Dá-se o deslocamento do verbal-oral-literário para o imagético-visual-icônico.

A geração protagonista da sociedade da informação, que também é chamada de sociedade do espetáculo, tem sido caracterizada pelos seus objetos preferidos: o controle-remoto, o mouse e o telefone celular (cf. Andy WARHOL in VENN, W.; VRAKING, B., 2009). Esses objetos são paradigmáticos de um novo jeito de pensar e interagir com a informação marcado pela não linearidade no fluxo das informações, pelo comportamento multitarefa e pelo aumento na velocidade e facilidade de acesso à informação, para citar apenas alguns aspectos.

A leitura de textos monocromáticos dá lugar à decodificação de ícones coloridos e imagens dinâmicas e complexas. A racionalidade perde seu protagonismo para a emoção. A comunicação midiática é essencialmente emocional.

Pregadores/as que atuam nesse contexto se adaptam às expectativas da geração cibernética, que prefere narrativas imaginativas a discursos verbais abstratos; que se comporta de maneira impaciente com a lentidão no fluxo da informação e quando há demora na obtenção de respostas; que em geral, durante o sermão, não se concentra exclusivamente na pregação, mas ao mesmo tempo está a dedilhar seus iPods, celulares e tablets, em um processo de interação social que pode ou não ter a ver com o conteúdo da prédica; e que, sem maiores escrúpulos, dividirá sua fidelidade zapeando por “diferentes canais” para acompanhar vários “programas” religiosos (igrejas e movimentos), simultaneamente.

A principal contribuição desse modelo é a demonstração enfática de que a comunicação do Evangelho não precisa ficar acondicionada exclusivamente à dimensão lógico-verbal-oral ou literária, e que há muitas outras possibilidades nas quais sejam envolvidos os sentidos e a emoção. A geração idade mídia não dá tanto crédito à persuasão lógico-argumentativa do discurso racional, mas está suscetível à sedução do apelo emocional-afetivo.

O Horizonte homilético da Idade Humana

Até aqui apresentamos uma caricatura dos horizontes medieval e midiático, que, como é próprio das caricaturas, salienta os traços mais marcantes do caricaturado. No entanto, queremos

nos deter mais demoradamente e interdisciplinarmente no terceiro horizonte que mencionamos anteriormente: o horizonte humano.

O conteúdo e o continente são as ênfases dos modelos homiléticos medieval e midiático. Forma e conteúdo são aspectos fundamentais no processo de comunicação e não podem ser desconsiderados, nem sequer eliminados, sob pena de inviabilizar a própria comunicação. A homilética da igreja do futuro terá que levar cada vez mais a sério a relação meio-e-mensagem. O bom conteúdo merece a melhor embalagem, a ser veiculado pelos canais mais eficientes.

No entanto, há um elemento que é mais determinante do que a forma e o conteúdo no processo comunicacional, e esse elemento são os *sujeitos intercomunicantes*. Nossa proposta é que a homilética da igreja do futuro deverá necessariamente privilegiar o *humano* no processo comunicacional.

A centralização no humano não implica o relaxamento do trato da forma e do conteúdo. Ao contrário, a homilética da idade humana leva a sério, mais do que todas as outras, as teologias bíblica, histórico-sistemática e prática, numa perspectiva semiológica na qual o sentido se constitui pelo humano que “lê” o mundo como humano.

Essa tem sido a prática, com notória competência e qualidade, de muitos biblistas, sistemáticos e pastoralistas em todo o mundo e, particularmente, na América Latina, que assumem que a teologia deve estar a serviço da vida. Esse tem sido o esforço de biblistas que, sem desmerecer o método exegético histórico crítico, tratam de subordinar seu procedimento e objeto de estudo aos sujeitos que nele estão implicados (vd. MESTERS, 1977). Alguns dos sistemáticos da libertação também seguem o mesmo caminho, ainda que tentados a reduzir seu discurso à crítica das chamadas «estruturas», o que pode resultar numa certa ênfase no desumano. Alguns pastoralistas, aqui e acolá, quero crer, se esforçam por ir além do pragmatismo ativista e colocam sua práxis a serviço das relações divino-humanas.

Trata-se de uma questão epistemológica crucial que pretende deslocar definitivamente o acento para o humano, ou melhor, para as relações divino-humanas (diferente do que faz o humanismo secularizado individualista). Essa nova epistemologia contrasta com o modelo medieval, cuja ênfase recai sobre a *reduplicação* de um conteúdo dogmático (ver ALVES, 1977, p. 274) e o midiático, que reforça o *ajustamento* a um status religioso regido pela economia de mercado e que assume como critério de normalidade a espetacularização da fé (vd. RAMOS, 2012, espec. o 3º cap.).

O termo “epistemologia” merece uma reconsideração se for entendido unicamente como aquela teoria que se ocupa “das etapas e limites do conhecimento humano, especialmente nas relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerte” (definição do HOUAISS). Isso porque queremos pensar o conhecimento humano principalmente quanto às relações que se estabelecem entre os próprios humanos, que, por suposto, uma vez entendidos como sujeitos e protagonistas do conhecimento, não são nada inertes.

Não estamos inventando a roda. Isso já está posto de várias formas e desde muito tempo. No entanto, no âmbito da prática homilética parece que ainda se constitui novidade. As perguntas “o que pregar?” e “como pregar?” terão que dar a preferência à pergunta “quem haverá de pregar com quem e a quem?”.

A pregação da idade humana deverá, portanto, considerar o ser humano de forma íntegra, sem as dicotomizações convencionais do senso comum que opõem a razão à emoção. Há diferentes possibilidades de interação das pessoas entre si e o mundo, e a emoção não é uma possibilidade menos verdadeira. Rubem Alves diria que “a experiência que o ser humano tem do seu mundo é primordialmente emocional” (op. cit., p. 274). É verdade que na sociedade do espetáculo há uma hipertrofia da emoção degradando-a ao emocionalismo, mas isso não implica a

conclusão de que a emoção deva ser eliminada. O desafio está justamente em relacionar-se com o ser humano que pensa sentindo e que sente pensando.

Em resistência à homilética espetacularizada a serviço do mercado, cujo deus é o mercado e o messias, o lucro, o maior desafio para a pregação da igreja do futuro será permanecer fiel ao que Paul Tillich chamou de *princípio protestante* (vd. TILLICH, 1977), i.e., a Teologia da Graça. Dois mil anos de cristianismo não foram suficientes para construir uma cultura da Graça; ao contrário, neste ponto, a missão dos cristãos foi um tremendo fracasso. O que impera é o preço. Nunca os protestantes, no sentido literal do termo, foram tão necessários como agora. A homilética da igreja do futuro deverá ser mais protestante do que nunca, para confrontar os abusos da religião espetacular e sua desenfreada comercialização de indulgências cibernéticas e tecnológicas.

Tillich (op. cit.) dizia que, nos inícios do cristianismo, predominava uma teologia circular, teocêntrica, inclusiva e participativa; que foi substituída na Idade Média por uma teologia vertical, hierárquica e totalitária; que foi substituída, por sua vez, no Iluminismo por uma teologia horizontal, humanista e secularizada. Se estivesse vivo, talvez ele concordasse que a contemporânea converteu-se numa teologia quadrada. Me explico: Se a teologia circular era teocêntrica, a medieval, eclesiocêntrica, e a iluminista antropocêntrica, a atual é uma teologia coisocêntrica, porque materialista, coisificadora e desumanizante. O reflexo dessas teologias se nota na concepção arquitetônica e nas linhas dos espaços sagrados. Como bem sinalizou o teólogo e arquiteto sacro Otávio Ferreira ANTUNES (ver 2010, p. 22-25), até o século XII, a arquitetura religiosa era marcada pelo *arco românico* (circularidade teocêntrica); sendo substituído então pelo *arco ogival* do período gótico (teologia vertical e hierárquica); que deu lugar ao *arco renascentista* (antropocentrismo) do Renascimento; substituído pelo *arco barroco* da contrarreforma e pelo *arco neoclássico* (racionalismo); que na contemporaneidade foi suplantado pelo quadrado (materialismo puro e simples) característico dos templos em forma de caixa de sapato que abundam nos pequenos e grandes centros urbanos. Tudo isso para dizer que, de alguma forma, é preciso convocar a igreja (inclusive por meio da pregação) a se (re)apropriar da teologia circular, participativa, inclusiva, muito mais condizente com os princípios do Evangelho e, por isso mesmo, mais condizente com o princípio protestante da Graça.

A experiência latino-americana da prédica partilhada, praticada, principalmente, pelas comunidades eclesiais de base, ainda não foi considerada com a atenção merecida pelos/as homiletas contemporâneos. Essa metodologia parece se coadunar perfeitamente com uma teologia circular humanamente inclusiva.

Num contexto múltiplo e cada vez mais complexo, é preciso encontrar maneiras de aproximar as pessoas e facilitar-lhes a interação, a relação Eu-Tu-Ele (novamente cf. BUBER, op. cit.). No entanto, a cultura do imagético visual caminha na contramão do diálogo (cf. DEBORD, 1997, e também FERRÉS, 1998). Por essa razão precisamos de alternativas. Outra saída honrosa seria a (re)descoberta, por parte dos/as homiletas, da Nova Retórica de Chaïm Perelman (1999). Para Perelman, a retórica é o recurso que possibilita a superação de preconceitos e a transcendência do preestabelecido; nas suas palavras, ela “é uma maneira de sobrepujar o poder das aparências, dos dogmas, dos mitos e das ‘verdades óbvias’ do senso comum” (MANELI, 2004, p. 49.). Isso se faz mediante o fluxo retórico de argumentos, o apelo à audiência e o convite para o diálogo. A (nova) retórica seria, então, uma possibilidade razoável para a convivência democrática numa sociedade pluralista. Cabe à homilética aprender a conceber discursos dialógicos, democraticamente construídos, baseados não na imposição, mas na troca (ou negociação) de ideias, que preveem inclusive a concessão como parte necessária do processo. Se as “concessões conscientes e razoáveis ajudam a promover o desenvolvimento das instituições democráticas” (p.

62), elas também poderão ajudar na formação de comunidades eclesiais pluralistas. Além de pluralista, portanto, essa metodologia é humana e razoável. Propõe como lema a máxima: *in dubio pro iuribus hominis* (em caso de dúvida, decida em favor dos direitos humanos), pois “essa é a regra retórica básica da interpretação da lei” (p. 67). À luz disso, qual deveria ser o propósito ou o objetivo da tarefa homilética, senão também defender a razão e a tolerância, alinhadas a uma filosofia da liberdade, da justiça, e da igualdade; cujas bases ontológicas e epistemológicas sejam, tanto quanto possível, livres de inferências dogmáticas e de pretensões absolutistas?

Trata-se de uma práxis homilética a serviço da vida, que se engaja na tarefa de dar voz e visibilidade aos sem voz ou, antes, aos que são sistematicamente calados e invisibilizados (Cf. Dennis Smith em sua conferência neste Congresso). Dentre esses (calados e invisibilizados) o caso mais escandaloso é o das crianças. Daí a necessidade de chamar a atenção para a centralidade da criança no culto e, por conseguinte, na prática homilética. Já escrevi em outro lugar que o culto e o sermão nascem por causa das crianças para possibilitar às novas gerações o acesso a uma cultura e a uma tradição de fé (ver RAMOS, 2011a, p. 72-88 e tb. 2011b, p. 19-28). Sendo assim, excluir as crianças do culto e ignorá-las durante a prática homilética constitui erro gravíssimo. Significa repudiar aquelas que são as personalidades mais importantes do Reino de Deus (cf. Mt 18.1-4). Poucas barreiras restarão ao/à homilista que conseguir se identificar com as crianças.

No contexto do deslumbramento tecnológico, a pregação da idade humana propõe enfaticamente a superação da rede de máquinas pela rede de pessoas. De modo a que nem as máquinas nem os aparatos tecnológicos tenham a primazia; antes, transformem-se em servas das relações humanas, estas sim, essenciais, como aprendemos de Martin Buber, em sua obra *Ich und Du* (Eu e Tu). Como o sábado, as máquinas devem estar a serviço dos humanos, e não os humanos viver em função das máquinas. Para isso, em lugar de rejeitar e combater, é preciso investir-se no processo de “alfabetização” das comunidades de fé, para que as máquinas sejam dom(in)adas pelas pessoas e não o inverso.

Um aspecto da interdisciplinaridade bem específico é o que estabelece a integração da homilética com a Liturgia (a teologia do culto). O culto como um todo deve ser entendido como processo homilético, porque todo o ritual litúrgico também é pregação. E tanto melhor quanto mais integradas a prédica e a liturgia estiverem. Em lugar de disputar atenção, oferecerão suporte e darão vigor uma à outra. Uma liturgia integrada ao sermão pode poupar o tempo gasto com o exórdio, por exemplo, permitindo poupar quantidade de tempo e destacar a qualidade desse tempo.

Concluindo

Até aqui descortinamos despretensiosamente alguns horizontes para a homilética da igreja no futuro. Descortinar é uma boa palavra porque apenas tratamos de começar a abrir a cortina. Ainda há muita paisagem oculta, esperando para ser desvelada.

A homilética da Idade Média e a da mídia seguirão impassíveis, e reconheço, resignado, que pouco podemos fazer para modificá-las. Mas não significa que esses sejam os únicos horizontes. Entendo que nós, da REDLAH, temos não somente a alternativa viável, mas talvez a única alternativa para uma Teologia da Proclamação fiel ao princípio protestante. Demos o nome a esse horizonte de homilética da idade humana, que em última instância deve ser primordialmente uma homilética das relações divino-humanas. Na prática, uma relação entre seres humanos na qual o divino se manifesta — como se lê no Evangelho: «Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles» (Mt 18.20).

Isso implica um rompimento consciente com os demais modelos homiléticos e que só conseguiremos preservar a dignidade e a integridade da pregação se conseguirmos, como homiletas, manter certa autonomia em relação ao sistema hegemônico.

A homilética da idade humana não é mais uma especialização, mas pressupõe uma epistemologia relacional, interdisciplinar, multimídia e interativa. No que diz respeito à memória, somos homiletas-cientistas que perscrutam crítica e criteriosamente a arqueologia da fé; quanto à realidade presente, somos homiletas-profetas que ousam contestar e resistir, inconformados e insubmissos ao sistema hegemônico; e quanto ao futuro, somos homiletas-poetas que esperam contra toda esperança (cf. Rm 4.18) e que sonham “o que vai ser real” (da canção “Coração Civil”, de Milton Nascimento).

Referências

ALVES, R. A. Del paraíso al desierto: Reflexiones autobiográficas. In: GIBELLINI, R. O (org.). *La nueva frontera de la teología en América Latina*. Salamanca: Sígueme, 1977. p. 261-279. (Ágora Crítica Religión Sociedad).

ANTUNES, O. F. *A beleza como experiência de Deus*. São Paulo: Paulus, 2010.

BUBER, M. *Eu e Tu*. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo* (seguido do prefácio à 4ª Edição italiana) e Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERRÉS, J. *Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MANELI, Mieczyslaw. *A Nova Retórica de Perelman: filosofia e metodologia para o século XXI*. Trad. Mauro Raposo de Mello. Barueri: Manole, 2004.

MESTERS, C. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Vozes, 1977.

PERELMAN, C. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RAMOS, L. C. *A pregação na idade mídia: desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.

_____. *Em espírito e em verdade: Curso prático de liturgia*. 2. ed. São Bernardo do Campo: Editeo, 2011.

_____. O culto, a pregação e a Bíblia. *Revista Caminhando*. v. 16, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 2011.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Sobre a religião*. Trad. Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000.

TILLICH, P. *Pensamiento cristiano y cultura en occidente: De la Ilustración a nuestros días*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1977.

VENN, W.; VRAKING, B. *Homo Zapiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009.